

É com um profundo compromisso com o avanço do conhecimento e com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa que apresentamos a edição da Revista Apae Ciência 2025/1. Nossa publicação se consolida como um espaço vital para reflexão plural, debate qualificado e disseminação de pesquisas que enfrentam os desafios complexos da inclusão social de pessoas com deficiência. Os artigos aqui reunidos, em conjunto, reforçam o papel do movimento apaeano ao apontar caminhos para transformação social, sempre sob uma perspectiva transversal, interdisciplinar e crítica à colonialidade.

Esta edição se destaca por abordar diferentes temáticas nos estudos da deficiência, abrangendo desde formulação de políticas públicas até dimensões mais íntimas e relacionais da existência. Os trabalhos questionam as estruturas que ainda promovem barreiras e buscam a plena participação social, valorizando a diversidade e o respeito às singularidades de cada pessoa.

A variedade do perfil de autoras(es) — que une o rigor acadêmico à experiência prática e à pesquisa engajada com a realidade — reitera o propósito desta revista: criar pontes sólidas entre teoria e prática nos diferentes contextos socioculturais da vida humana. Nosso foco é promover um olhar multifacetado sobre os processos inclusivos em todas as esferas.

O panorama dos artigos desta edição é notavelmente abrangente, iniciando-se no campo teórico-conceitual com o trabalho de Pedro Lopes, que, em “Deficiência na teoria: corpo, desejo e dor nos estudos da deficiência”, mapeia a agenda dos Estudos da Deficiência (Disability Studies). O texto explora narrativas canônicas, a teoria crip e o desejo, além das intersecções entre cultura, desigualdade e sofrimento. Ao partir da fundação do campo e avançar para frentes de interlocução mais recentes, o autor fornece as bases conceituais para a compreensão da deficiência como uma diferença socialmente construída.

Em seguida, o debate avança para uma perspectiva crítica com Guilherme da Rocha Campos, cujo artigo, “Crítica à branquitude tácita nos estudos da deficiência: uma perspectiva antropológica anticolonial”, lança um olhar antropológico afrorreferenciado. O autor argumenta que a ausência da categoria raça nas análises sobre deficiência no Brasil (incluindo marcos legais como a LBI e a CIDPCD) configura uma branquitude tácita que mascara privilégios e ignora a realidade de pessoas não brancas com deficiência. Ao adotar a interseccionalidade como ferramenta crucial, o trabalho questiona a corponormatividade das legislações e defende a interdependência humana e a centralidade do cuidado, concluindo que a omissão racial perpetua o racismo à brasileira.

Essa dimensão crítica da inclusão na sociedade é seguida por um olhar cuidadoso sobre as interações sociais. Carlos Veloso da Veiga e Luísa Martins Fernandes, em “Relações de amizade, composição e dinâmicas: o caso de trabalhadores com deficiência intelectual”, apresentam um estudo longitudinal crucial para compreensão da qualidade de vida. A pesquisa, focada em trabalhadores incluídos há mais de uma década, revela uma conclusão pertinente: as relações de amizade tendem a se mostrar frágeis e inconsistentes, marcadas pela ausência de cumplicidade, confidencialidade e atividades conjuntas. O estudo sublinha a necessidade da inclusão profissional ser acompanhada de esforços que fomentem a vida comunitária e as conexões sociais autênticas.

A dimensão das relações íntimas é aprofundada por Marina Camargo Barth e Daniela Centenaro Levandowski, que em “Um amor diferente? Uma revisão narrativa sobre as relações amorosas de pessoas com e sem deficiência à luz da Teoria Triangular do Amor”, empregam o Modelo Social da Deficiência e a Teoria Triangular do Amor de Sternberg. As autoras propõem uma revisão narrativa com o objetivo de quebrar preconceitos e estigmas que pairam sobre a afetividade da pessoa com deficiência, investigando a satisfação conjugal e defendendo a universalidade do desejo e do afeto.

Ampliando o olhar para a esfera da política pública educacional, Bruna Caroline Morato Israel e Adriana Araújo Pereira Borges apresentam “Inclusão escolar em Minas Gerais e no Paraná: diferentes caminhos”. Este recorte de pesquisa de mestrado oferece uma análise comparativa da apropriação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) por parte das Apaes nos respectivos estados. Os resultados apontam para trajetórias distintas, evidenciando que Minas Gerais tem demonstrado maior alinhamento com a inserção em escolas regulares, enquanto o Paraná ainda mantém uma maior dependência de instituições especializadas. A disparidade reforça a urgência de uma implementação mais uniforme e eficaz da PNEEPEI em nível nacional.

Finalmente, a intersecção entre gênero e deficiência visual no ambiente acadêmico é abordada por Lúcia Lamounier Sena e Mariana Cristina Ferreira, em “Interseccionalidade e ensino superior: experiências de alunas com deficiência visual no ambiente acadêmico”. A análise da percepção de alunas demonstra que, apesar do apoio institucional existente, a permanência e a inclusão destas mulheres são, em grande medida, resultado de seu esforço e resiliência pessoal. O estudo reitera, assim, a urgência do sistema de ensino superior assumir integralmente sua responsabilidade, mitigando a necessidade de estudantes com deficiência sobrepujarem sozinhas as barreiras estruturais.

Esta edição da Revista Apae Ciência reforça, portanto, a importância de uma abordagem multidisciplinar, crítica e colaborativa para a construção de uma sociedade que se quer inclusiva. Os artigos aqui publicados não apenas evidenciam os desafios de um sistema que precisa urgentemente se despir de vieses históricos, mas também apontam caminhos concretos para superação dessas barreiras, sempre com foco na valorização da diversidade.

Agradecemos às autoras(es), revisoras(es) e colaboradoras(es) que tornaram esta publicação possível. Que as leitoras(es) encontrem nesta edição inspiração e ferramentas para continuar avançando na luta por protagonismo, participação social e uma vida verdadeiramente inclusiva para as pessoas com deficiência.

Boa leitura!